

A Virada dos Bailes num só Bailão

Diego Corrêa de Araújo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/610>

DOI: 10.4000/pontourbe.610

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Diego Corrêa de Araújo, « A Virada dos Bailes num só Bailão », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 07 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/610> ; DOI : 10.4000/pontourbe.610

Este documento foi criado de forma automática no dia 7 Maio 2019.

© NAU

A Virada dos Bailes num só Bailão

Diego Corrêa de Araújo

- 1 Foi por volta das 19hs que cheguei à Praça do Patriarca, próximo ao Viaduto do Chá, onde ficava o palco do forró. No caminho até o palco foi possível notar a efervescência da grandiosidade do evento – a Virada Cultural. Havia muitas pessoas nas ruas, diria que “o centro foi tomado por pessoas”. Descendo a Rua Xavier de Toledo, à minha frente uma fila imensa para entrar no Teatro Municipal, ao meu lado direito, na estação Anhangabaú do metrô, dezenas e mais dezenas de pessoas chegando, voltando, se movimentando por todos os lados. Aqui segue um breve relato sobre o palco do forró na Virada Cultural¹.
- 2 Foi realmente um espetáculo urbano no centro da cidade: famílias, grupos de jovens, casais, como também aqueles que vendiam bebidas, os vendedores ambulantes, no corre-corre para garantir a venda, pois fugiam da fiscalização dos policiais, e muitos outros. Ainda no caminho do palco do forró, no Viaduto do Chá, a minha esquerda havia um grupo trabalhando com a exibição de imagens que ampliavam as imagens reais, e estas eram refletidas num prédio da prefeitura, à minha direita. Alguns amigos que estavam comigo participaram dessa projeção de imagens e se observaram no prédio, e como “gigantes”, sentiram-se como se estivessem entrando em cena na Virada Cultural, sentiram-se grandiosos como o evento.
- 3 E do local onde estava este projetor de imagens já era possível escutar o tum-tum-tá da zabumba, o fole da sanfona e o toque do triângulo². Logo que cheguei era o Trio Alvorada que estava agitando a festa. Algumas pessoas se conheciam devido ao *circuito* dos bailes de forró de São Paulo³. O conceito de *circuito*, conforme Magnani, (2002) designa os estabelecimentos que possuem determinados serviços e, com efeito, são reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários, assim sendo, não são adjacentes à paisagem urbana. Vale destacar que os *circuitos*, em seus limites, atingem os espaços que ajudaram na difusão do ritmo, neste caso, na produção dos bailes e na prática musical.
- 4 Diante este cenário, o evento parecia um grande encontro de bailes de forró da cidade de São Paulo. Naquela multidão existiam diferentes redes de relações que compõe o *circuito*⁴ do forró pé de serra na cidade de São Paulo identificado por Alfonsi (2007). Mas isto não quer dizer que para participar daquele bailão da Virada Cultural seria necessário fazer parte de uma rede. Reconhecimento e aceitação para um apreciador (uma pessoa que não

faz parte da rede) são relações que não carregam muita importância no ambiente. Pois para aqueles que não têm um vínculo com a rede (que não participa das festas e dos bailes e outras atividades proporcionadas por ela), as relações são firmadas por laços de amizades, coleguismo e vizinhança. Não existe, portanto, um rito de passagem para estes últimos participarem da festa. Eles são aceitos como integrantes da festa - “sejam bem-vindos”. Dessa forma, não existe algo que impeça as outras pessoas que não fazem parte de uma rede articulada que promove os eventos (participa das festas e dos bailes), a participarem da Virada Cultural.

- 5 Nos termos de Magnani (2002), trata-se de uma *mancha*, local que aglutina diversos estabelecimentos/equipamentos, situado em um espaço contíguo que pode competir ou complementar uma prática comum. Ela é estável tanto na paisagem como no imaginário. Suas atividades e práticas “são resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (Idem, p. 23). Neste sentido, na Virada Cultural, o *circuito* se transformou em uma *mancha*. Era possível visualizar este cenário, por exemplo, nas inscrições com a palavra “fórró” e a ligação direta com uma casa de fórró, nas camisetas que algumas pessoas vestiam. O que fortifica o *pedaço*, um sentimento de pertença diante o *circuito* e as possibilidades externas e internas de desdobramentos de atração ou repulsão na *mancha*.
- 6 Além disso, os trios que participaram da Virada são os mesmos que participam do *circuito* no qual cito as casas de show. Por falar em trios, a programação contou somente com eles⁵: uns mais antigos, outros mais jovens, nas palavras de Gabriel Medina (militante político e das causas populares):
- 7 Valorizou-se esse ano o fórró pé de serra autêntico, segundo gênero musical mais importante do país e parte fundamental da cultura nordestina. Na maior cidade nordestina com maior número de nordestinos do país, é impensável que o fórró não tenha lugar de destaque na Virada Cultural, evento mais importante da cidade. (Entrevista realizada em 22/05/2013).
- 8
- 9 Reencontrei alguns músicos e amigos de outrora que também participam do *circuito*, alguns deles se apresentaram nesta Virada Cultural, é o caso de Sivaldo Fernando, com o (quarteto) Ó do Fórró que apresentaram releituras de Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, entre outros, além de músicas próprias. Também presenciei o Pé de Mulambo, um trio muito singular no cenário do fórró em São Paulo, que executam suas músicas com rabeca, triângulo e zabumba⁶.
- 10 Vale citar que o apresentador que entrava em cena entre um show e outro era Paulinho Rosa, produtor da casa de fórró Canto da Ema e apresentador do programa Vira e Mexe da Rádio USP e, por vezes, Gabriel Medina. Um discurso muito presente vindo do apresentador e de alguns músicos que participaram na noite do sábado era sobre a “pureza e/ou autenticidade do fórró”, falas como: “viva Luiz Gonzaga!”, “Viva o fórró raiz”, “viva o fórró pé de serra”, eram presentes. E também muito deles enviaram diversos tipos de vibrações por meio de música e aplausos para Dominginhos, que se encontra internado no Hospital Sírio Libanês em São Paulo⁷.
- 11 Observando o público percebi que sua maioria era jovem, mas adultos também se misturavam entre eles, percebi que eles sabiam de cor e salteado as músicas ali

apresentadas e por este motivo me senti dentro de um grande baile que incorporava, como disse acima, as diferentes casas de shows e bailes de forró que formam este *circuito*: *A virada dos bailes num só bailão*.

- 12 Em suma, relembro e destaco que o ano passado foi marcado pelo centenário do saudoso Luiz Gonzaga, um dos grandes protagonista do forró. Ele, que emocionou o Brasil cantando as tristezas e alegrias do povo, somado à experiência de sua *vida de viajante*. Através dos discursos proferidos por músicos e produtores naquela noite, pensando no processo histórico dos tipos de palcos instalados nas Viradas Culturais que já foram feitas, foi possível notar que a concretização deste palco (2013) foi uma conquista para eles. Principalmente após o centenário de Luiz Gonzaga em 13/12/2012⁸.
- 13 É importante salientar que na Virada Cultural do ano de 2011 havia um palco que se encontrava na Barão de Limeira que contou com algumas apresentações de músicos e bandas que têm uma relação forte com o forró, como, por exemplo, Dominginhos, Falamansa, Flávio José, Genival Lacerda e Forroçacana⁹. Já no ano 2010 o palco foi improvisado em um carro com caixas de som e alguns poucos equipamentos de som, que foi montado próximo à Praça Ramos de Azevedo – um movimento articulado pelos próprios músicos, produtores e frequentadores dos bailes São Paulo. E no ano de 2012 a programação não contemplava o forró, nem mesmo na mistura com outros gêneros como no ano de 2011.
- 14 Portanto, no palco deste ano (2013), pareceu-me que músicos e produtores externavam um sentimento de vitória, que foi trazer a prática musical presentes nos bailes de forró de São Paulo para a Virada Cultural, para as ruas, bem como trazer a fala das canções que muito retrata o povo. E mais, levaram às ruas uma representação do que seria o “forró autêntico”, este que é caracterizado nos discursos de músicos e produtores das casas de forró que compõe o *circuito*, principalmente na zona oeste de São Paulo¹⁰.
- 15 Faz-se necessário destacar que diante aquela “violenta multidão”, no caos urbano, através de contrastes, foi possível visualizar outros cenários. Foi lá onde a embolada com um senhor no pandeiro e um rapaz entoando versos roubavam aplausos das pessoas presentes, foi lá onde o chorinho fez as pessoas chorarem de emoção, foi lá onde os desconhecidos e os conhecidos se uniram por meio da dança, foi lá onde diversidade se encontrou, se juntou e fez uma grande manifestação. Contudo, é de extrema importância entender o universo social e simbólico da cidade para compreender emaranhado do caos!

BIBLIOGRAFIA

ALFONSI, Daniela do Amaral. Para Todos os Gostos – Um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produção do forró. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no Pedaco – cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/ Ed. UNESP. 1998. 2ª Ed. 166 p.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista brasileira de ciências social. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11- 29, jun. 2002.

NOTAS

1. Neste trabalho utilizarei a palavra “farró” tendo em vista as falas dos músicos e produtores no evento e a sua relação com os bailes aqui citados. Para uma maior compreensão sobre classificações a respeito dos bailes de farró, ver Alfonsi (2007).
2. O som ressoava bastante, mas contrastando a potência do som dos palcos que avistei de passagem, a sensação que tive foi que o som do palco do farró era inferior em relação aos outros palcos por onde passei.
3. Refiro-me aos seguintes bailes e casas de farró: Canto da Ema, Remelexo Brasil, Farró Secreto, Bela Vista, Farró do Limoeiro e muitos outros bailes e festas organizadas que permitem uma interação entre os diferentes públicos dos diferentes espaços/equipamentos culturais.
4. Vale destacar que o *circuito*, de acordo com Magnani (2002, p. 49), “possibilita o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação e manejo dos códigos [...]”. Desdobramento este que independe da relação com o espaço e de sua se fixação à contiguidade. Diferentemente do que ocorre com a *mancha*, que veremos adiante.
5. Portanto, bandas não se apresentaram. Lembremos que no *circuito* existem algumas bandas com constante atuação e em diferentes regiões do Brasil, como por exemplo, Bicho de Pé (SP), Falamansa (SP), Raíz do Sana (RJ), e tantas outras.
6. Mesmo não se apresentando na Virada Cultural, alguns músicos que fazem parte do *circuito*, como Dézinho do Falamansa e Janaína Pereira do Bicho de Pé estavam presentes junto ao público.
7. Nas diferentes apresentações era possível escutar músicas de Dominguinhos, como, por exemplo *Te faço cafuné, eu só quero um xodó, quando chega o verão*, e tantas outras.
8. Vale lembrar que o dia 13 de dezembro tornou-se o “Dia nacional do farró”. Aprovado por um Projeto de Lei proposto por Luiza Erundina no seu primeiro mandato como Deputada Federal.
9. Na composição da programação do palco Barão de Limeira na Virada Cultural de 2011, os gêneros musicais se misturavam. É importante observar que nem todos os grupos e cantores que tocaram farró nesse ano (2011) participavam do *circuito* de farró no qual cito.
10. Refiro-me as casas Canto da Ema, Remelexo Brasil e o baile denominado como Farró Secreto.

AUTOR

DIEGO CORRÊA DE ARAÚJO

Discente do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. Desenvolve atualmente pesquisa sobre produção de bailes de farró na zona oeste de São Paulo.